

DO EROTISMO AO MÍSTICO,
DO PROFANO AO RELIGIOSO:
UM OLHAR SOBRE AS TRANSGRESSÕES
NA POÉTICA MALDITA
DE WALDO MOTTA¹

FROM EROTICISM TO MYSTICISM,
FROM THE PROFANE TO THE
RELIGIOUS:
A LOOK AT TRANSGRESSIONS
IN THE POETICS MALDITA
BY WALDO MOTTA

Roney Jesus Ribeiro*

Introdução

Serão realizadas neste estudo, considerações de tamanha importância no tocante a poesia homoerótica produzida pelo poeta Waldo Motta. Poeta capixaba que usa um discurso exagerado, desbocado, debochado, no entanto evidenciado de características que carregam em sua essência uma significativa

¹ RIBEIRO, Roney Jesus. Do erotismo ao místico, do profano ao religioso: um olhar sobre as transgressões na poética maldita de Waldo Motta. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 465-482. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2020/04/Bravos-VII.-Neples.-2016-2018.-Completo.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2024.

* Mestre em Teoria, Crítica e História da Arte pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

simbologia. Poética que surge da força e da necessidade de se reclamar o lugar do sujeito gay no contexto social. Para trabalhar a temática proposta neste estudo: “Do erotismo ao místico, do profano ao religioso: Um olhar sobre as transgressões na poética maldita de Waldo Motta”, realizara-se estudos e análises em torno das transgressões na poética maldita Waldo Motta.

No entanto, para isso, explorará o projeto literário “erotismo” e ao mesmo tempo “sagrado” deste poeta capixaba, para tratar das relações entre o místico e religioso e o erotismo e profano. O místico-religioso e erótico-profano são características que estão muito presentes na poesia de Waldo Motta. Vale dizer que, é a partir destas características que Waldo vai explorar um discurso cheio de coloquialismo e “pajubás” para falar sobre do homossexual e seu dó de servir o outro. Poética debochada e irônica mas que, carrega uma simbologia necessária para conclamar o quão importante se faz compreender esse sujeito híbrido que, surge da junção do homem e da mulher.

Na poética waldiana a condição do homossexual fica evidente a partir da linguagem e discurso utilizado, que não deixa em momento algum, escapar sua doutrina e crença, que vai buscar nas religiões e nos símbolos uma resposta a muitas coisas. No mais, na lírica deste poeta, o elemento sagrado é a escrita poética, e esta, sem dúvidas alguma, se transforma em um altar místico, sacro e ao mesmo tempo profano homo afetivo, onde as questões sociais inerentes ao homossexual por meio do poético são resinificadas consideravelmente.

Waldo Motta: o poeta e seu projeto literário

Poeta negro, homossexual, nascido no interior do estado do Espírito Santo, mais precisamente, no município de São Mateus em 27/10/1959. Seu nome de batismo é Edivaldo Motta, e por algum tempo assinou artisticamente como Valdo Motta, e mais adiante numa nova fase artística, mais precisamente, com após a

publicação do livro *Recanto (poemas das 7 letras)*, no ano de 2002, o poeta, trocou o V pelo W em seu nome artístico, passando assinar suas obras como Waldo Motta. Após a publicação de um de seus melhores livros “Bundos e outros poemas (1996)”, pode-se dizer que tal poeta tenha se tornado um dos mais interessantes escritores contemporâneos.

Waldo Motta em seu projeto literário “erótico sagrado” demonstra consideravelmente sua expressiva maturidade literária e artística, dado ao fato de propiciar elementos sacros para uma poética que surge da forte necessidade em “de se posicionar em relação à sua condição de sujeito marginalizado socialmente” (SANTOS, 2015, p. 40). O projeto literário apresentado pelo poeta que aqui apresentamos, revela em sua poética tamanha audácia e inventividade artística. Conforme Santos (2015, p. 40) em tal projeto literário Waldo enfatiza a “necessidade de destacar as contradições do seu tempo perpassa um labor que, inicialmente, é engendrado numa perspectiva” que situa artisticamente a poesia como o “lugar em que o discurso crítico obsessivamente manifesta um questionamento sobre a situação contemporânea” (SISCAR, apud SANTOS, 2015, p. 40).

Em sua poética, Waldo deslinda por um discurso muito próprio e sempre pessoal para atingir visibilidade em que sua condição social é sempre pano de fundo. Ou seja, condição do excluídos e marginalizados que é defendida em sua poética permeia sua vida. Isso porque a questão homossexual é a matéria-prima de feitura de sua poesia. Inúmera questão de demanda social permeia seu discurso poético. O erotismo sacro é reformulado tendo por base a junção de elementos que de alguma forma retomam a vida do sujeito histórico, representado por Waldo Motta, sujeito este envolto, conforme descreve Santos (2015, p. 41) “de uma questão existencial e social associada ao vexame, ao despudor, à subversão, ao pecado, enfim, ao ser que não tem lugar na sociedade contemporânea”. Desta forma, o poeta negro e homossexual funda a partir de seu discurso uma postura puramente lírica que reclama o espaço por onde sua poesia se solidifica.

Waldo tem uma produção poética profícua e cheias de história. Iniciou-se sua carreira com livros artesanais e os vendia de boca-a-boca. Nestes primeiros livros mimeografados sua poesia é construída com base em ideologias e um discurso bem politizados. Nestes primeiros versos quando o poeta se debruça sobre as questões inerentes as minorias sociais, ele encarna um caráter altamente periférico e marginal. A ideia de poética marginal se deve também dado ao fato de este poeta inicia sua carreira por volta dos anos 70 e/ou 80, momento de grandes transformações sociais. Tais características apresentadas na poesia de Waldo Motta, associando aos estudos de Francisco Aurelio Ribeiro, em *A Modernidade das Letras Capixabas*, podem ser compreendidas como pós-moderna. De acordo com o exposto por este crítico:

Grande parte da poesia feita nos anos oitenta, filha direta da poesia marginal da década de setenta, no Brasil, traz em si, características do que se convencionou chamar, atualmente de 'Pós-modernidade'. Alguns dos seus traços mais recorrentes são: narcisismo, perversão no comportamento do indivíduo em sociedade, declínio das concepções convencionais de poder, pluralidade de vozes através das manifestações das minorias (raciais, sexuais e ecológicas) na vida cotidiana; visão apocalíptica da realidade; mistura ou indistinção de estilo e gêneros; pastiche; fragmentação; citação; autor-referencialidade, volta da literatura sobre si mesma; meta-ironia (ausência de juízo crítico, presente na ironia); sedução tecnológica e informacional (RIBEIRO, 1993, p. 169).

Para além disso, a forma como Waldo produz seus livros, o próprio estilo de sua escrita e também sua condição social de "gay, negro e pobre" o situa primeiramente no grupo de escritores marginais. Confirme Simon (2004, p. 210) confirmando o já dito em linhas anteriores, Waldo Motta "começou a publicar no final dos anos de 1970, no auge da militância da assim chamada poesia marginal". Waldo já inicia sua produção literária construindo uma poesia que extravasa e desconstrói os ideias e modelos pronto, por isso sua poética pode ser entendida como pós-moderno.

Conforme aponta Francisco Aurelio Ribeiro em *Estudos críticos de literatura capixaba*, "o pós-moderno é a literatura do fragmento, da fratura, do desfazimento", e a poesia waldiana propõe uma fratura ao convencional a partir

de um discurso político-social. O discurso sustentado por Waldo em sua poesia é uma tentativa de romper com as “figurativizações da violência da contemporaneidade” (RIBEIRO, 1990, p. 85-86).

A invisibilidade do ser: oscilações, destruição e boa-nova

Waldo Motta a partir de suas habilidades poéticas percorre um contexto que se faz presentes na história da humanidade. Esta visão de mundo se funda numa poesia que acaba por se tornar uma reflexão sobre os caminhos que a humanidade percorre no construto de sua evolução para fazer parte de uma historicidade concreta. Sendo assim “as oposições entre os sexos e os gêneros sempre foram destacados e evidenciados para manter uma ideologia difusora de preceitos machistas e unilaterais daqueles que faziam e fazem as leis que fundam a democracia: o homem” (SANTOS, 201, p.40).

Parece-nos que, a “Boa-nova” é uma busca tecida permanentemente nas poéticas de Waldo. Conforme Santos (201, p. 201) a poesia waldiana alicerça um discurso que “[...] que se liberta dos contrastes e oposições, Waldo Motta tece uma poesia que traz uma “boa-nova”.

A mulher é um homem ao avesso
o homem é uma mulher ao avesso
Amorosamente se destroem
e geram frutos perecíveis

O homem destrói
a mulher a mulher destrói o homem
e corrompem o paraíso

Abalam-se Terra e céus
e se estende ao universo
a desgraça das desgraças

Destroem a figueira sagrada
e depredam a vinha santa
em sua feroz concupiscência
devastam o pomar celestial (MOTTA, 1996, p.57).

Ao que se pode analisar neste poema, desajustes e as desgraças assim como também as possíveis devastações parecem intermináveis. Chega-se a essa ideia, em função de o poema de Waldo Motta citado acima não apresentar pontuação. Essa ausência simbólica registra um todo na poética waldiana que é marcada por mistério. O mistério se concentra na ideia do ser andrógono que se configura na representação mítica das relações de poder entre “macho x fêmea”, “homem x mulher” que por meio da via sexual, se engendram, se fundem, formando uma única célula. Sobre a ideia da ausência simbólica de pontuação na poética de Waldo Motta, Santos (2015), acrescenta que falta de pontuação:

[...] no poema recria a ideia de infinito e de continuidade das desgraças e da devastação causadas pelas adversidades entre homens e mulheres. As repetições de palavras e os trocadilhos enveredados também nos direcionam para uma impossibilidade de harmonização dos gêneros. O amor entre os sexos só se concretiza por vias sexuais e materiais, numa dança frenética pela satisfação dos corpos. O “paraíso”, “o pomar celestial”, “a figueira santa” são profanados (SANTOS, 2015, p. 50).

Para além disso identifica-se a dessacralização que por sua vez é anunciada pelo eu lírico na concretização da “desgraça”. Assim sendo, o corpo que antes era um espaço sagrado, morada do divino, agora passa a ser apenas o espaço do desejo em que os desejos carnis e sexuais possibilitam a “realização daquilo que a matéria e a carne exigem como latência infinita de consumação e de prazer” (SANTOS, 2015, p. 50).

Um espaço que antes habitava o sacrossanto que agora profana do ato erótico. Na ambivalência que, Waldo Motta instaura em sua poesia ao usar o ânus como simbologia do elemento sexual em que androgenia se se funda, as oposições e hierarquizações paradigmáticas se fazem presentes. Sendo assim, é comum percebe-se que na poesia waldiana, “os trocadilhos e jogos de palavras próprios da ambiguidade entre a realidade e sua representação, desnuda-se o poeta em seus sentimentos [...]” (RIBEIRO, 1996, p. 68).

Da maldição à edificação do poético: o místico religioso, erótico-profano

Em sua poesia multifacetada Waldo Motta trabalha aspectos que atravessa o sujeito em construção (o homem) que está em per manentes mudanças até o momento de seu rito de passagem. Tais aspectos se concentram confrontam o religioso e o profano. O poema que segue, foi publicado no livro *Bundo e outros poemas* (1996), no capítulo “Waw”, que conforme a transliteração² do próprio Waldo significa “travessia, passagem, ponte; é o nome da 6ª letra do alfabeto hebraico e designa anzol, o gancho ou colchete, além da conjunção aditiva e” (Motta, 2000, p. 59). Mais recentemente tal poema foi publicado no livro *Transpaixão* (2008).

RELIGIÃO

A poesia é a minha
sacrossanta escritura,
cruzada evangélica
que deflagro deste púlpito.

Só ela me salvará
da guela do abismo.
Já não digo como ponte
que me religue
a algum distante céu,
mas como pinguela mesmo,
elo entre alheios eus
(MOTTA, 1996, p. 79).

² Conforme podemos se observar no *Dicionário de Linguística* (2001) transliteração é “quando num sistema de escrita se quer representar uma sequência de palavras de outra língua, utilizando geralmente outro sistema de escrita, é possível tanto representar os sons efetivamente pronunciados, como procurar para cada letra ou sequência de letras, uma letra ou sequência de letras correspondente, sem haver preocupação com os sons efetivamente pronunciados” (DUBOIS, 2001, p. 601). É inevitável não perceber que em sua poética Waldo Motta se utilize muito da transliteração. Esse é um recurso presente em sua poesia. Acredita-se que o poeta se utilize desta técnica para compor e ordenar palavras oriundas do hebraico, assim sendo, Waldo segue explorando novos sentidos e interpretações para tais palavras. O procedimento da transliteração, como dito, pode ser evidenciado no trecho que segue: “a expressão hebraica Be’RESHYTh, que inicia e nomeia o primeiro livro da Bíblia, Gênesis, e normalmente se traduz como “no princípio”, sendo um advérbio de tempo, e também de lugar, levou-me, entre outras, às seguintes perguntas: Que lugar é este? Como é, e onde fica tal lugar? Permutando as seis letras desta expressão (BeYTh, ReYSh, ÁLePh, ShYN, YOD, ThaV), por um método cabalístico chamado TheMURÁH, que não deixa de ser um divertido jogo anagramático, obtive numerosas respostas para as minhas indagações” (MOTTA, 2000, p. 70).

O poema intitulado "Religião" no livro *Bundo e outros poemas* (1996), é o primeiro dos 34 poemas que compõem o livro, o mesmo aparece na mais recente coletânea do poeta, cujo título do livro é *Transpaixão* (2008). Religião escrito em duas estrofes bem construídas, contendo assim uma quadra e uma sétima³. A partir da estratégia poética, analisa-se que, o poema de "revela-nos a instância sagrada e profana de sua poesia, conferindo a ela o papel de religamento, situação enfatizada tanto pela palavra 'waw' quanto pela acepção latina da palavra religião 'religare'" (SANTOS, 2015, p. 43). Esse eu lírico se coloca como um orador num lugar mais alto possível, ou melhor, numa posição de destaque (altar) para a partir de um discurso sôfrego advindo da incerteza das coisas, e passa a clamar/anunciar por sua salvação. Essa salvação se confirma nas palavras de Santos (2015):

A salvação do eu poético está na/pela poesia; a partir da "sacrossanta escritura", sua "cruzada evangélica" se deflagrará. Do "púlpito" de seus versos, o poeta se coloca em posição de destaque para que todos/leitores possam ouvir sua voz ardente e reveladora acerca dos conflitos e desajustes que o sujeito enfrenta (SANTOS, 2015, p.43).

Associando as ideias refletidas acima, que falam da religiosidade e a salvação do eu-lírico, Bataille (1987, p. 7) no prefácio do livro *O erotismo* acrescenta que, "o espírito humano está exposto às mais surpreendentes injunções. Constantemente ele teme a si mesmo. Seus movimentos eróticos o apavoram". Por isso, no tocante a ideia de sacro, místico, religioso, profano e erótico, características muito recorrentes na poética de Waldo Motta, Bataille (1987) discorre em uma explicação significativa, que segue o raciocínio de que o:

³ Conforme se observa em sua estrutura, o poema, foi escrito com 11 versos. Isso na numerologia cabalística representa "[...] um número da violência, poder, bravura, energia, sucesso em aventuras destemidas, liberdade e o conhecimento de como 'dominar as estrelas' (ROSA, 2011, p. 33). Na perspectiva poética de Waldo Motta, as relações místicas atribuídas a tal poéticas e empregadas nas leituras dos poemas contribuem para acentuar a dicção profética, de demonstrando significativamente "reveladora e redentora delineada pelo sujeito lírico que se (re)constrói ao se lançar no mistério que ronda o ato de criação" (SANTOS, 2015, p. 43).

[...] sagrado puro, ou fasto, dominou desde a antiguidade pagã. Mas, mesmo que se reduzisse ao prelúdio de uma superação, o sagrado impuro, ou nefasto, era o seu fundamento. Se por um lado o cristianismo não conseguiria rejeitar a impureza, por ser uma parte da construção equilibrada da psique humana, precisava separá-la do sagrado. E assim a impureza e, portanto o erótico, foi relegada pelo cristianismo, ao mundo profano [...] (BATAILLE, 1987, p.223).

Entre o sagrado puro e o sagrado impuro (erotismo), a poética em Waldo defende o lugar sujeito gay na sociedade. Sujeito esse que mesmo à margem da sociedade, luta por dignidade e respeito, se pautando na essência da “psique humana” a seu jeito torto de ser. Conforme Santos (2015, p. 43) o poeta Waldo Motta se torna um sujeito contemporâneo “ao mostrar seu olhar atento para os problemas culturais e sociais persistentes na história do homem”. Neste contexto o sujeito lírico waldiano faz de sua poética o “altar sagrado”, lugar este em que a “poesia será o palco para a revelação de questões existenciais esquecidas ou adormecidas na sociedade atual”. Assim sendo, o poeta faz surgir de uma voz fina, um calor ardente e firme que se atenta ao conflitos e problemas que atravessam as relações sociais e que de certa forma, persiste em se manter na história da humanidade, fazendo parte então da evolução do sujeito homem enquanto parte do meio social.

EXU YANG

Quando o último ser vivo
for somente nome (enfim!)
nas páginas do Hiperlivro,
Deus!, o que será de mim?

Oxalá não me venha o Cujo
me punir a mim. Sou réu?
Dividido em zil, eu fujo
inteiro para outro Céu.

Só cumpro os infinitos
números de nossa lenda.
Até que me enjoe o rito
e ao silêncio Eu me renda (MOTTA, 2008, p. 52).

Diferente do primeiro poema, o apresentado acima, cujo título é “Exu Yang”, foi construído em três estrofes de quatro versos cada. Neste poema que pode ser

encontrado em sua coletânea poética, cujo nome é *Transpaixão*, Waldo acrescenta uma dose de sua afluída religiosidade espiritualista. Ao que se pode depreender se trata de um poema em que há um apelo, ou até mesmo um questionamento de pões em xeque a tão procurada “salvação” espiritual. Ou seja, aquele rito de passagem da vida para outro plano, fora do mundo material. Há também nos versos um forte sentimento ou medo de alguma culpa que lhe acarrete ao mesmo tempo que se pode verificar o medo da punição. Ainda que se possa analisar inúmeras situações nos versos deste poema, o traço principal que jamais fugirá as lentes do crítico é o forte teor religiosos, em que o profano não deixa de se fazer presente também.

Nos dois poemas anteriores, a ideia religiosa, assim como conclama Santos (2015, p. 46) “relaciona-se diretamente à ideia de superação dos medos e das angústias humanas”. Isso se dá, dado ao fato de que a “religiosidade poética, assim, liberta o que é ocultado ou silenciado na realidade objetiva e prática, permitindo ao sujeito reaver uma aliança desfeita” entre as ideias que envolve a cultura e arte moderna e pós-moderna, para uma constituição de sabedoria e formas de pensar o/ do homem no contexto social. Dessa forma, a poesia, no pensar de Bataille (1987, p. 23), “conduz ao mesmo ponto como cada forma do erotismo; conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, à morte, à continuidade”.

Nos dois poemas apresentados que classificamos como místico religiosos, Waldo por meio da religiosidade e ao mesmo tempo um ar muito místico, expressa suas dores, medos, receios e a invisibilidade do sujeito gay numa sociedade “heteronormativa”. Reclama seu lugar na sociedade não deixando que seu eu caia em ruína diante das mazelas que perduram na sociedade em atividade. Sendo assim, não resta outra coisa a não entender que “os sofrimentos do homem orientam sua relação com o sagrado e colaboram para amenizar o desconforto” criado pelo mundo ao rotular sujeitos que constituem o contexto social (SANTOS, 2015, p. 46).

Sobre a produção de Waldo Motta, que coloca em exercício o que de melhor este poeta sabe fazer, que é rogar os ecos do “erótico profano”, tem-se uma série de poemas que poderia ser usado para tecer algumas discussões. No entanto, primou-se por dois que assim, analisar deter o cerne daquilo que pretende-se expressar, que é a fronteira entre os sujeitos “homem e mulher” para a criação de um terceiro sexo e ou sujeito, o gay. No poema que segue, fica bem evidente a criação de um ser andrógono, que perpassa e atravessa o homem e a mulher, para se constituir como sujeito social. Eis que esse ser andrógono, o sujeito gay (soma do instinto masculino e o feminino), é a soma de uma força que produzirá esse “sujeito lírico” na poética waldiana “como maneira de minimizar as desgraças ocasionadas pelo choque e pelas “guerras” partilhadas pelos sexos oponentes” (SANTOS, 2015, p. 49).

A mulher é um homem ao avesso
o homem é uma mulher ao avesso
Amorosamente se destroem
e geram frutos perecíveis

[...] (MOTTA, 1996, p. 57).

Conforme utilizou na segunda discussão proposta neste artigo, retoma-se o poema acima pelo fato de o referido trazer em cena questões que interessa ao questionamento proposto aqui. Este poema é todo marcado pela ausência de pontuação, o que deixa evidente que o sujeito lírico quer chamar atenção para a ideia de infindo, de continuidade. Tais tensões, somam as desavenças ou diferenças contextuais causadas pelos sexos (forças) opostos. A falta de harmonização causada pelos sexos opostos está cravada no discurso que ao mesmo tempo que parecem desconexos, se incluem numa sequência infinda de ideias.

A mística, num corpus profano, que por vezes se aproxima do erótico, atravessa toda essa produção poética. Eis que é nesse dilema contextual que surge o sujeito capaz de edificar o espaço poético, acabando ou desgraçando de vez com a paz

entre os sexos opostos. Sujeito esse que detém da intenção intuitiva de fazer o bem, de romper com as estruturas formais, apregoados pela heteronormatividade, mas carrega em si, o gene da desgraça, conforme o olhar machista.

ANIMA X ANIMUS

A mulher é o reflexo invertido
da mulher interior do homem
O homem é o reflexo invertido
do homem interior da mulher
A mulher é a miragem do caminho
do homem em busca de si mesmo
O homem é a miragem do caminho
da mulher em busca de si mesma
A mulher que se busca
está dentro de cada homem
O homem que se busca
está dentro de cada mulher (MOTTA, 1996, p. 56).

Como é possível perceber a androgenia é uma marca forte na lírica waldiana. Ela está presente tanto neste poema, quanto no anterior apresentado. Nestas poesias o sujeito híbrido, que deslinda entre os gêneros masculino e feminino é a questões de maior importância. Acredita-se que essa ocorrência não seja fruto de um mero acaso na poesia de Waldo. Assim como acrescenta Santos (2015, p. 52), “esta ocorrência está associada à fundação religiosa delineada nos versos de Bundo e outros poemas”.

É válido circunscrever aqui também que, essa fundação religiosa, aludida por Santos (2015), se faz presente em toda poética waldiana. Desde os seus primeiros livros de poesias que eram confeccionados artesanalmente, até os mais recentes publicados em editoras. O elo de união da produção poética de Waldo se fundamenta nas questões “mística-religiosa” e “erótica-profana” e para detectar isso em sua poesia não precisa um exercício árduo. Nesta poética percebe-se também a busca da fusão entre homem e mulher, possibilitando o surgimento de um novo ser, um terceiro sujeito, no corpus de uma figura híbrida

ou andrógena, ou seja, o surgimento do sujeito gay, aquele que tem o dom de servir o seu semelhante.

Há certo jogo de ideias sinônimas e trocadilho no interior dos versos, eis o que possibilita tamanha beleza na construção do poema. Assim como Santos (2015, p. 52), detém-se da mesma ideia de que na poética waldiana, “o que era sinônimo de oposição ou diferenciação, na poesia de Waldo Motta tem sentido de convivência, de pertencimento: o homem ou a mulher se constituem também pelo seu oposto, juntando homem e mulher, ou seja, dois em um”. Tem-se essa percepção poética, a partir da ideia estética de que a:

[...] cada dois versos, há uma reincidência do valor duplo que permeia a constituição do ser humano. O mesmo procedimento de criação empregado no poema “A mulher é um homem ao avesso” é novamente executado em “Anima X Animus”, uma vez que verificamos os quiasmas a cada dois versos, o que ressalta novamente as inversões tão caras ao viés desconstrutivo da figura andrógina consagrada por Waldo Motta (SANTOS, 2015, p. 52-53).

De passagem da ideia de união dos instintos masculinos ao feminino para a constituição de um sujeito andrógeno, chega-se ao ponto em Waldo Motta a partir de um discurso que por vezes pode parecer chulo, mas está convertido numa aclamação místico-religioso e põe em xeque forte sensação do erótico-profano

EXORTAÇÃO

Venerai o Santo Fiofó,
ó neófito das delícias,
e os deuses hão de vos abrir as portas
das inúmeras moradas do Senhor
e a fortuna vos sorrirá com todos
os encantos e prodígios (MOTTA, 1996, p. 32).

O poema acima explora um forte discurso religioso que ao mesmo tempo circula pelo erótico-profano a partir da utilização de expressões coloquiais. O órgão sexual, apresentado como “fiofó”, que na poética de Waldo Motta segue um linguagem desbocado e bem humorado, muitas vezes recebe outras conotações,

como também “cu” que, por sua vez, se remete ao orifício ânus. Tais questões, nas palavras de Deleuze e Guattari (2011b, p. 103) representam em sua essência “muito mais que uma linguagem” poética. Representam, certamente, a força de um turbilhão de desejos em um corpo prestes a entrar em ebulição.

Enquanto o poema “exortação” faz um apanhado aos órgãos do corpo como uma taça e/ou cálice (representatividade de espaço divino onde o sangue que é vida é depositado) cheia de vinho santo, que quando tomado dá-se a ideia de pecado consumado. O poema “rotina”, já vai tratar do ato e preocupação do sujeito gay, em servir o outro com bondade e humildade, onde o corpo (orifício) desse sujeito, ao ser penetrado, representa a oferta do alimento que sacia o desejo desse corpo que, antes estava em chamas e sedento de desejos carnis. Claro que, este ato de servir com bondade na saciedade dos desejos do corpo, impeça o sujeito gay de perceber os perigos que aguarda na penumbra da noite. Logo, com um toque de malícia esse homossexual, que na poética waldiana sempre será tratado como bicha, segue a se preparar para a noite, num ritual corriqueiro. Dessa forma Motta (2008), segue descrevendo poeticamente essa rotina, assim:

ROTINA

lavar e enxaguar ca-pri-cho-as-men-te o rabo
bota no corpo raspado de gilete até o osso
as roupas mais fechantes e na bolsa a navalha
para os eventuais babados e desbundar pela noite
atrás do nem sempre fácil pau nosso de cada dia
(MOTTA, 2008, p. 164).

O poeta Waldo Motta, na construção poética, intitulada “rotina” que surge da junção do erótico e do profano e vai buscar no chamado pajubá⁴ e em demais expressões coloquiais significado para muitas palavras de seu discurso altamente erótico e ao mesmo tempo místico. Se referindo ao estilo waldiano em dar nomes diversos aos órgãos sexuais, Bataille (1987), segue dizendo que:

⁴ Nome da linguagem popular constituída da inserção em língua portuguesa de numerosas palavras e expressões provenientes de línguas africanas ocidentais, muito usado pelo chamado povo do santo, praticantes de religiões afro-brasileiras como candomblé e umbanda, e também pelas travestis e pela comunidade LGBT.

[...] as palavras grosseiras que designam os órgãos, os produtos ou os atos sexuais introduzem o mesmo rebaixamento. Essas palavras são interditos, pois geralmente é proibido nomear esses órgãos. Nomeá-los de uma maneira desabrida faz passar da transgressão à indiferença que põe num mesmo plano o profano e o mais sagrado (BATAILLE, 1987, p. 127).

Por meio de um discurso desbocado, debochado, erótico e cheio de coloquialismo que narra a marcha do gay pela escuridão da noite na busca pelo “pau nosso de cada dia” (MOTTA, 2008, p. 164) que está a beleza da poética waldiana. Conforme Rodin (1999, p. 92) “a beleza está em toda parte” na poesia de Motta. Isso acontece porque não é a beleza que “falta aos nossos olhos, mas olhos que falham ao percebê-la” no discurso politicado de um poeta negro, gay e pobre, que usa o corpo do homossexual em seus textos para reclamar o lugar desse sujeito numa sociedade heteronormativa.

Entende-se, depois das leituras e análises realizadas no interior da poética de Waldo Motta que o corpo é um sistema dotado de significações e simbologias. Waldo com auxílio de suas crenças religiosas, estabelecerá uma série de explicações que levarão a ideia de que “[...] o corpo humano é, acima de tudo, o espelho da alma e daí vem sua maior beleza” (RODIN, 1999, p. 92).

Considerações

Tratar da temática “Do erotismo ao místico, do profano ao religioso: Um olhar sobre as transgressões na poética maldita de Waldo Motta” que foi explorada neste estudo, se faz importante por diversos motivos. Um deles é que diante da situação da atual conjuntura social, torna-se cada dia mais importante falar do espaço do sujeito gay no contexto social. Para além disso, pensa-se que o tema é necessário, tendo em vista que a poesia homoerótica ainda é vista com grande resistência, já que a sociedade de modo geral está calcada numa visão heteronormativa que, não permite muitas vezes convenções que de alguma maneira problematiza e questiona essa organização social.

A poética waldiana, ainda que por meio de um discurso desbocado, debochado, irônico e eivado de característica, erótica, profana, mística e religiosa, questiona incessantemente os direitos humanos que existem, mas nem sempre respeitados, num contexto em que poucos podem mais e muitos podem cada vez menos. A poesia de Waldo, como discutido, se constitui numa arte altamente politizada, por reclamar o reconhecimento do sujeito híbrido (constituído dos genes masculino e feminino concomitantemente) como cidadão igual a todos e portador dos mesmos direitos sociais que os sujeitos heterossexuais.

O excessivo erotismo religioso que atravessa a poética waldiana é o que a torna uma arte necessária. Assim como recorda Bataille (1987), se trata de uma poesia que com base nas ideias místicas religiosas, eróticas-profanas, trata da continuidade do ser, enquanto sujeito e constante construção de identidade. Em suma, quando se trata da ideia de erotismo como o meio pelo qual o homossexual apela para sua completude, a finalidade do erotismo centra-se na ideia de libertar esse sujeito das amarras e o isolamento da sociedade. A descontinuidade do sujeito deve ser traduzida e transformada em profunda e constante continuidade construtiva.

Referências:

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008.
- MOTTA, Waldo. *Bundo e outros poemas*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MOTTA, Waldo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987.
- MOTTA, Waldo. Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu. In: PEDROSA, Célia (Org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 59-76.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A modernidade das letras capixabas*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1993.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A Literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Nemar, 1996.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Estudos críticos de literatura capixaba*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1990.

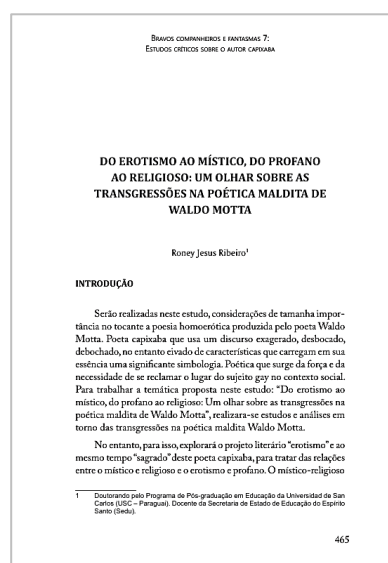
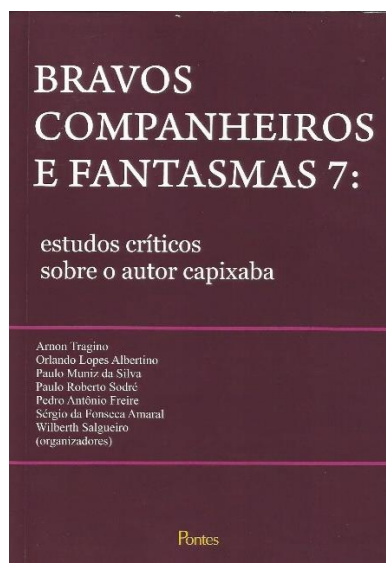
RODIN, Auguste. *A arte contemporânea: conversas com Paul Gsell*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ROSA, Carlos. *Numerologia cabalística: a última fronteira*. São Paulo: Madras, 2011.

SANTOS, Ricardo. A poética profanada de Waldo Motta. *Estação Literária*, Londrina, v. 13, p. 40-61, jan. 2015.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: a poesia de Waldo Motta. *Revista Novos Estudos*, n. 70, 2004.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade*. Campinas: Unicamp, 2010.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 7* e página inicial do estudo "Do erotismo ao místico, do profano ao religioso: um olhar sobre as transgressões na poética maldita de Waldo Motta", de Roney Jesus Ribeiro.